

Manobras e Contra-Marchas

Falando a um dos nossos matutinos, o sr. Raul Pilla ^{3.1.53} mostrou-se descrente dos resultados da projetada reforma administrativa, que considera, antes, uma grande manobra política.

Realmente, outro não é o seu sentido. Reconhecendo-se fraco, sabendo-se incapaz não só de cumprir as suas promessas eleitorais, mas também de atender às necessidades imediatas da administração, o sr. Presidente da República há muito vem procurando atrair à sua órbita os partidos da oposição, para com eles compartilhar a tremenda responsabilidade.

Mas, se isto era evidente para quem quer que conhecesse a nossa vida política, sómente dois partidos souberam colocar a questão nos seus devidos termos: o Partido Libertador e o Partido Republicano.

Exigiu o primeiro, preliminarmente, uma prova da sinceridade com que o sr. Getúlio Vargas pedia a colaboração dos partidos. Esta prova era, e não poderia deixar de ser, decidir-se o Presidente da República a organizar um governo coletivo e responsável. Dando a sua colaboração ao governo, com ela empenhavam os partidos a sua responsabilidade; e tornando-se corresponsáveis, não podiam os partidos deixar de ter voz e voto nos Conselhos do governo. Era isto de meridiana evidência e sómente a obtusa sensibilidade do nosso mundo político não o perceberia. Era incompatível a colaboração pedida com o atual sistema de governo pessoal e irresponsável, a que se reduz o presidencialismo. Assim, embora sem nenhuma modificação de ordem constitucional, o que o Partido Libertador pedia ao sr. Presidente da República era que pusesse em termos de sinceridade e decência a impetrada cooperação administrativa e política.

Diversa, mas não menos justificável foi a posição tomada pelo Partido Republicano. Não lhe podendo inspirar nenhuma confiança o sr. Getúlio Vargas, recusava assumir com êle qualquer solidariedade. Elaborasse o Governo o seu projeto de reforma administrativa e o enviasse ao Congresso, que aí o Partido lhe daria a colaboração da sua crítica, única colaboração irrecusável.

Infelizmente, porém, outros partidos de ação mais ponderosa e, talvez, decisiva não tiveram a lucidez e a firmeza de partidos menores. Trabalhados por contradições internas, aceitaram sem hesitações e restrições o papel que lhe destinava o Governo. E, mais afoito que todos foi, justamente, aquele que, por vários títulos, deveria capitanear a resistência contra a manobra oficial. Se o Partido Social Democrático opôs restrições por sua valorosa secção sul-riograndense a União Democrática Nacional foi simplesmente apressada no aceitar a proposta colaboração. Tanto se excedeu o seu eminente líder nas suas manifestações, que se viu êle obrigado a esclarecê-las e retificá-las no dia seguinte. Em vez de negociar a colaboração, suposto que ela realmente se impusesse, a fim de obter do sr. Getúlio Vargas o máximo de concessões em benefício do regime, rendeu-se-lhe o Partido ao primeiro esceno.

O resultado aí está. Envolvido na manobra política da

reforma administrativa, não sabe o Partido do Brigadeiro como desvencilhar-se dela. A sua tendência agora, depois de formada a comissão interpartidária que deveria elaborar o projeto, é devolver ao governo a tarefa que verdadeiramente lhe compete, como entendeu com acerto o Partido Republicano. Isto é, quer tomar agora, depois de comprometido, a posição que, desde o primeiro momento, deveria ter tomado, ao Governo exclusivamente, deixando a responsabilidade da iniciativa.

Dir-se-á que outro comportamento não seria possível, porque, ante a gravidade da situação nacional, seria a recusa mal julgada pela opinião pública. Aí está, porém, a nosso vêr, um dos mais perigosos sintomas da situação política. Os partidos não procuram formar, esclarecer, educar a opinião. Tendo a demagogia tomado conta dela, rendem-se à demagogia, sem procurar combatê-la. Havendo tantas e tão sólidas razões para que a Oposição recusasse assumir compromissos prévios com o Governo, uma posição clara, franca, desassombrada não poderia deixar de ser compreendida e apreciada, como compreendidas e apreciadas foram as posições tomadas pelos Partidos Libertador e Republicano. O que tem faltado é, justamente, visão clara e decisão firme, de parte dos dirigentes políticos.